

**“GRITOS BÁRBAROS” NA MODERNIDADE CARIOCA:
RUMO A UMA EDIÇÃO CRÍTICA DOS POEMAS (1916–1925),
DE MOACYR DE ALMEIDA (1902–1925)⁴⁶**

Mario Newman de Queiroz (UFRRJ)
mcnqsofocles@gmail.com

RESUMO

Muito jovem ainda, Moacyr de Almeida, de origem humilde, da zona norte carioca, é um poeta bastante conhecido na capital da república. Publicando poemas em revistas como *Fon-Fon* desde os 14 anos, e trabalhando na imprensa desde os 18 anos, constrói uma rede de amigos e admiradores. Sua poesia, inicialmente mais ao gosto da época, parnasiana-simbolista, vai se tornando cada vez mais exacerbada, estranha, num tom grandiloquente, uns dirão épico, condoreiro, hugoano, as comparações com Castro Alves são constantes. Cada vez mais o poeta se envolvia com as questões sociais. Por conta do poder de irradiação da imprensa da capital da república, o jovem poeta logo se torna conhecido através do país. Mas, nascido em 1902, o poeta morre aos 23 anos, em 01 de maio de 1925. Os amigos, Paschoal Carlos Magno a frente, e o irmão Pádua de Almeida, igualmente jornalista e poeta, se esforçam para publicar o livro, deixado “pronto” por Moacyr de Almeida, “Gritos Bárbaros”. A publicação póstuma, em setembro de 1925, não englobava a totalidade dos poemas escritos, muitos publicados em jornais e revistas pelo poeta em vida. Em 1948, uma nova edição acrescentava 21 “outros poemas” àqueles de “Gritos Bárbaros”. Em 1960, uma terceira edição acrescentava mais 31 “outros poemas”, além dos 21 acrescentados em 1948. O cotejo entre as edições e destas com as publicações em periódicos tem nos mostrado se tratar de um problema de ecdótica. Apresentaremos aqui alguns dos pontos já levantados e tratados de recensão e cotejo deste material.

Palavras-chave:

Ecdótica. Moacyr de Almeida. Poesia brasileira 1920.

ABSTRACT

Still very young, Moacyr de Almeida, of humble origin, from the north of Rio de Janeiro, is a well-known poet in the capital of the republic. Publishing poems in magazines like *Fon-Fon* since the age of 14, and working in the press since the age of 18, he builds a network of friends and admirers. His poetry, initially more to the taste of the time, Parnassian-symbolist, became increasingly exacerbated, strange, in a grandiloquent tone, some would say epic, “condoreiro”, hugoan, comparisons with Castro Alves are constant. The poet became more and more involved with social issues. Due to the power of the press in the capital of the republic, the young poet soon became known throughout the country. But, born in 1902, the poet died at the age of 23, on May 1, 1925. His friends, Paschoal Carlos Magno at the front, and his brother Pádua de Almeida, also a journalist and poet, strive to publish the book left “ready” by Moacyr de Almeida, “Gritos Bárbaros” (“Barbarian scream”). The posthumous publication, in September 1925, did not encompass all the poems written, many pub-

⁴⁶ Ao querido Professor Amigo José Pereira da Silva, *in memoriam*.

lished in newspapers and magazines by the poet during his lifetime. In 1948, a new edition added 21 "other poems" to those of "Gritos Bárbaros". In 1960, a third edition added 31 more "other poems", in addition to the 21 added in 1948. The comparison between the editions and these with the publications in periodicals has shown us that it is an ecdotic problem. We will present here some of the points already raised and the reviews and comparison of this material.

Keywords:

Ecdotic. Brazilian poetry 1920. Moacyr de Almeida.

1. Introdução

Moacyr de Almeida, carioca, nascido em 1902, apesar de moço pobre e falecido aos 23 anos de idade, é poeta de muito sucesso na primeira metade do século XX. Contribuiu para a difusão de sua obra, primeiramente, o traço hugoano de sua lira, num contexto em que saraus de poesia declamada eram muito frequentes. E, inegavelmente, sua presença na imprensa carioca, tanto pela publicação frequente de seus poemas, quanto pelo seu trabalho de operário intelectual da imprensa. Talento precoce, em tenra idade já chamava atenção de professores, amigos e não passou despercebido pelos editores do jornal A Rua e da revista Fon-Fon, em 1916. Desde essa data até sua morte em 1925 (por tuberculose e insuficiência cardíaca), ele publica rotineiramente seus poemas, seus trabalhos de crítica e graças ao poder de irradiação cultural da capital da república sua poesia atinge os mais diversos rincões do país.

O objetivo desta apresentação é dar a notícia do trabalho de recensão e cotejo da obra do poeta carioca Moacyr de Almeida, visando a uma edição crítica.

2. Moacyr de Almeida no seu tempo e na literatura brasileira.

Começa a publicar aos 14 anos, o ano era 1916, ainda assinando como Moacyr G. de Almeida, na revista Fon-Fon, no jornal A Rua, e desde então até 1925, sua publicação em jornais e revistas é constante. Pode-se ver na Careta, no Correio da Manhã esporadicamente, na revista Fon-Fon, na revista D. Quixote com certa regularidade, e a revista Souza Cruz é a que mais publica seus poemas. Nos jornais A Razão, O Boa Noite, A Rua, onde trabalhou, aprendeu todos os ofícios do jornalismo de então, e escreveu matérias, provavelmente todas, sob pseudônimo. Nos últimos três anos de vida, trabalhou em Vanguarda, escreveu ali críticas de teatro e artes.

Era um “operário intelectual”. Sabe-se que o poeta trabalhou nos jornais A Razão, do Comendador Luís de Matos, em O Boa noite, de Vitor da Silveira, em A Rua, e em Vanguarda. Fora anunciado, em dezembro de 1924, que integraria ainda A Crítica, a ser fundado por Franco Vaz. Conforme D. Martins de Oliveira, seu melhor “biógrafo”, que reúne depoimentos de amigos, como de Américo Pereira e do pintor Osvaldo Teixeira, relata sobre o trabalho dele na imprensa: “Moacir disfarçava-se, ali, atrás de pseudônimos, para não parecer que absorvia tudo” (1960, p. 37). Uma nota jocosa estampada na página 2 de A Rua, em pleno carnaval de 1922, segunda-feira, 27 de fevereiro, intitulada “Nosso Bloco”, brincava sobre os próprios jornalistas da casa, relacionava-os um a um e trazia uma trovinha ou pequena estrofe sobre cada um. Moacyr de Almeida recebeu o seguinte poemeto que muito nos diz sobre a vida árdua que levava.

Moacyr de Almeida
Moacyr bate o pandeiro das cantatas
Ao pé da “tour d’ivoire” da gerência,
E leva como um zíngaro a existência,
Erguendo rimas para ter as pratas.

Muito ativo em todos os âmbitos que lhe foram possíveis na divulgação de sua poesia, muito cedo trabalhando na redação dos jornais da capital da república, conhecido e reconhecido em muitos meios culturais, precisando extrair da pena o ganha-pão, não participava diretamente de nenhum dos grupos de autocelebração do período. Razão pela qual, muito provavelmente, foi mal avaliado pelos autores de História da Literatura Brasileira. Alfredo Bosi, em *A literatura brasileira: o pré-modernismo* e em *História Concisa*, apresenta-o como neoparnasiano, e considera: “outro poeta cuja exuberância de inspiração se estreitou na forma parnasiana foi Moacir de Almeida”. Mas logo depois marca traços que nada o tipificam como parnasiano. “A crítica tem-lhe notado semelhanças com Castro Alves: as aspirações libertárias, o tom condoreiro, a facilidade do verso cadenciado (...) É uma poesia inclinada para os extremos, onde os próprios sentimentos se especializam em imagens espetaculares” (1967, p. 31). Nada mais desconforme com o parnasiano que isso. Embora o exercício metódico do soneto, praticava também poemas de estrofação diversificada, de versos livres e brancos. Sentimentalidade exacerbada, poesia social, tom épico, caráter hugoano, sem temer escapar do bom gosto, do bom senso, da medida mediana, do contido... nada mais distante da impassibilidade do Parnaso, da arte pela arte, do jogo da forma pela forma, da construção do belo objeto. Dona Luciana Stegagno-Picchio, talvez por influência da *História* de Bosi, em nota muito breve

sobre o poeta, o coloca também como neoparnasiano, dentro do tópico “A derrota do simbolismo: os neoparnasianos” (2004, p. 352).

Andrade Muricy, nascido em 1895, integrante do grupo modernista-simbolista Festa, contemporâneo, portanto, não relaciona Moacyr de Almeida em seu amplo *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Refere-se, no entanto ao poeta, explicando, nas páginas introdutórias, a exclusão, junto com vários outros poetas, em torno de 25 nomes, que melhor ficariam numa antologia de poetas de transição entre o parnasianismo, o simbolismo e o modernismo. O termo transição, no caso, talvez expresse muito mais que mera passagem de “escolas literárias”, Moacyr era uma criança quando começou a publicar seus sonetos metrificados, tinha 23 anos quando morreu, poeta renomado, já com matizes muito próprios de expressão singular, mas longe de ser um poeta maduro. O próprio homem transicionava da inocência infantil para a juventude aos trancos de uma vida difícil, realizando de tudo nas redações dos jornais para sobreviver.

Massaud Moisés tratará do poeta em seu volume sobre o Simbolismo, o situará como um *Belle époque* (1902–1922). Dentre os historiadores da literatura é quem melhor faz uma leitura avaliativa dessa estranha poesia. Pode-se dizer que supera o anseio das generalizações e a enxerga em sua singularidade. Reproduz muito do que disseram os contemporâneos do poeta, sobretudo Agrippino Grieco, em artigos em O Jornal (coluna “Vida literária”, em 1923 e 1924), na Gazeta de Notícias (coluna “À margem dos livros”, em 1925 e 1926) e em *Evolução da poesia brasileira* (em 1932). Na comparação com Castro Alves, na identificação dos fortes traços hugoanos, “no evidente sopro épico” (MOISÉS, 1988, p. 261), na efusão de imagens ciclópicas, prometêicas, na vertigem delirante que os poemas desenvolvem, Massaud Moisés concordando, identificará a potência de uma poesia votada ao surrealismo. Surrealismo inconsciente da escola, inconsciente de sua própria potência, percorrendo novos caminhos, abrindo novos tempos que a saúde frágil do jovem não teria como suportar. A comparação com Castro Alves se faria também nessa trágica ironia da história.

E a Dor, como um anjo bendito,
Impassível, distende as asas no infinito;
E, quando Deus emboca o seu clarim profundo,
Ela deixa tombar sobre as urzes do mundo
Uma lágrima, à luz do azul sereno e austero...
E esta lágrima diz: “Homens! Eu sou Homero.”
(ALMEIDA, 1925, p. 84)

3. *Recensão: livros*

A primeira edição de *Gritos Bárbaros*, já *post-mortem*, pela editora de Costallat & Miccolis, aos cuidados do irmão Pádua de Almeida, recebeu todo tratamento gráfico por Cornélio Penna. A capa dentro do clima exaltado, trágico e soturno do livro traz uma grande barra negra na base, sobre ela, o esqueleto de um guerreiro tombado, e, na vertical esquerda, a figura majestosa de um condor em agonia. As letras do título e do nome do autor são em tom de vermelho, e com um desenho de letras que se assemelham às de títulos de terror.

Figura 1.



As edições em livro são quatro, todas póstumas, apresentam pequenas variações entre si, todas buscam ter por referência a edição de “*Gritos Bárbaros*”, organizada por seu irmão no ano da morte do poeta. Mas a edição de 1948, sob a supervisão do mesmo irmão que organizara a primeira edição, Pádua de Almeida.

Indicaremos as edições em livro do seguinte modo:

ALMEIDA, Moacyr de. *Gritos Barbaros*. Com gravação de Manoel Del Valle sobre desenhos de Cornélio Penna, na capa e no corpo do livro. Coordenação de Pádua de Almeida. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925. A primeira edição pelas iniciais do seu organizador responsável, Pádua de Almeida: **PA**.

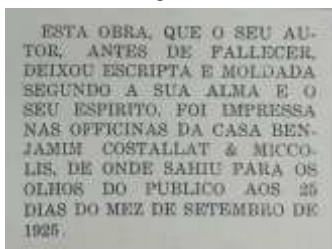
ALMEIDA, Moacyr de. *Poesias Completas*. Supervisão de Pádua de Almeida. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1948. A edição da Livraria Zélio Valverde por: **ZV**.

ALMEIDA, Moacyr de. *Gritos Bárbaros e outros poemas*. Prefácio “Moacyr de Almeida”, de D. Martins de Oliveira. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. A edição da Livraria São José por: **SJ**.

CERQUEIRA, Luiz Carlos Oliveira. *Ante as sombras*: Moacyr de Almeida, o poeta e sua obra. Brasília: Thesaurus, 2009. E a edição da antologia pelas duas iniciais finais de seu propositor, Oliveira Cerqueira: **OC**.

Na primeira edição, em página sem numeração, após o índice, uma nota observava que a edição saía publicada tal como “moldada” segundo a alma do autor.

Figura 2.



4. *Recensão: periódicos*

No trabalho de recensão, além das edições em livro referidas, realizamos levantamento nos seguintes periódicos: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *A Rua*, *A Noite*, *O Jornal*, *Gazeta de Notícias*, *Para todos*, *Careta*, *Fon-Fon*, *D. Quixote*, *Souza Cruz*. Da revista *Vanguarda*, onde o poeta trabalhou nos últimos anos de vida, principalmente como crítico de teatro e artes – como podemos saber por fontes cruzadas, o informe de outro sobre a matéria escrita por ele –, não se conseguiu registro na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Nesses periódicos levantou-se grande número de informações sobre o poeta, a constância nas notas sociais, a frequência do poeta ou de seus poemas nos recitais e saraus, já nos últimos anos, entre 1923 e 1925, seu engajamento em lutas sindicais e pelos desfavorecidos. Menções e referências críticas a sua obra, antes mesmo de ter um livro publicado, como as duas resenhas elogiosas de ninguém menos que Agrippino Grieco, e que fora lembrado com 28 votos na eleição, promovida pela Revista *Fon-Fon*, para príncipe dos poetas brasileiros, vencida por Alberto de Oliveira. Além das informações sobre ele,

constatou-se uma certa constância em publicações de suas poesias nas páginas de alguns desses periódicos.

As publicações em periódicos serão indicadas à medida que surgirem, sempre pelas iniciais do periódico, acrescidas do ano, do número do exemplar e página. Por exemplo, Revista Fon-Fon, de 1922, ponto, número 16, p. 40. Ficará assim indicada: FF22.16 p. 40.

Na busca por publicações impressas anteriores à da publicação póstuma do único livro, localizou-se na imprensa: 1 poema em Careta; 1 em Correio da Manhã; 1 poema em Para Todos (que também será publicado em Fon-Fon); 16 poemas publicados na revista Souza Cruz (1 deles também publicado em Fon-Fon); 11 publicados em Fon-Fon, 4 deles nunca publicados em livro antes. De modo que, dos 58 poemas que compõem Gritos Bárbaros, 20 pelo menos tiveram publicação anterior ao livro vir à luz pelas páginas de jornais ou revistas. Três destes somente surgiriam a partir da segunda edição, como “outros poemas”. E quatro deles nunca entraram nas publicações em livro. Esses poemas, que denominaremos de “desconhecidos”, encontramos em 3 números da Fon-Fon, de 1916. O poeta teria 14 anos.

5. *Recensão: autógrafos?*

Não se tem notícias da preservação de manuscritos autógrafos ou gravações de récitas pelo autor. O que se tem é a informação, transmitida por Martins de Oliveira, de que, ao organizar a edição SJ, teve acesso à recolha de material do poeta efetuada pelo pintor Américo Pereira, “que viveu arquivando saudades do seu amigo e tanto contribuiu para me esclarecer certos pontos da vida de Moacir” (1960, p. 17).

A inclusão dos “outros poemas” em ZV e SJ, não fazem referência às fontes de onde teriam provindo. Pode-se supor que em ZV, por se tratar ainda de edição estabelecida pelo irmão, proviriam de ambiente familiar. E, em SJ, de Américo Pereira, o amigo há pouco mencionado.

6. *Cotejo*

Esse é o resultado de um primeiro trabalho de recensão, através da hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional, utilizando-se a busca por palavra, expressões entre aspas. Um trabalho mais minucioso, presencial, ainda se seguirá, com grande possibilidade de ampliação do número de

achados na imprensa de periódicos. Resultado dessas primeiras pesquisas está no cotejo poema a poema, em que se ressalta, existem variações em todos os poemas cotejados. Que vão de uma simples gralha, poucas alterações de pontuação, trocas de palavras, títulos diferentes, até modificações de versos inteiros em mais de uma estrofe.

Uma primeira questão que surge, não e nova na história das edições de texto, todos os poemas publicados em vida, vistos pelo autor, são os publicados na “informalidade” dos periódicos. Nessas fontes “menos confiáveis” dos periódicos. Por outro lado, até onde se pode ter certeza, mesmo diante das melhores das intenções, que aqueles poemas publicados em 1925 não contaram com alguma intervenção dos também poetas Paschoal Carlos Magno e Pádua de Almeida? É inegável que se tem um problema de ecdótica. Sem nenhuma intenção de buscarmos a metempsi-cose de uma vontade autoral, buscaremos trazer à luz a duplicidade das formas com que esses poemas foram transmitidos através de uma publicação eletrônica, não-hierárquica, que permita as leituras das variantes de modo randômico.

Resultados mais objetivos desse cotejo, assim como a apresentação dos poemas “desconhecidos”, já estamos preparando em artigos prometidos para apresentações em outros veículos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(Não apresentadas as referências dos poemas encontrados em periódicos)

ALMEIDA, Moacyr de. *Gritos Bárbaros*. Com gravação de Manoel Del Valle sobre desenhos de Cornélio Penna, na capa e no corpo do livro. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925.

_____. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1948.

_____. *Gritos Bárbaros e outros poemas*. Prefácio “Moacyr de Almeida”, de D. Martins de Oliveira. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

BOSI, Alfredo. *A literatura brasileira: o pré-modernismo*. Vol V. São Paulo: Cultrix, 1967.

CERQUEIRA, Luiz Carlos Oliveira. *Ante as sombras: Moacyr de Almeida, o poeta e sua obra*. Brasília: Thesaurus, 2009 (Traz uma antologia que reproduz muito do conforme publicado pela edição da Livraria São José).

GRIECO, Agrippino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932.

_____. *Dois poetas*. Coluna Vida literária. O Jornal. Rio de Janeiro. Domingo, 30 março, 1924. Anno VI, n. 1608.

_____. *Moacyr de Almeida*. Coluna À margem dos livros. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. 1925. Domingo, 17 de maio de 1925. p. 2.

_____. *Gritos Bárbaros*, de Moacyr de Almeida. Coluna À margem dos livros. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. 1926. Domingo, 07 de março de 1926. p. 2

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

MURICY, José Candido de Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 3 vol. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952.

OLIVEIRA, D. M de. Moacyr de Almeida. In: ALMEIDA, M. de. *Gritos Bárbaros e outros poemas*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.